

# OLIVEIRA PAIVA



615  
1951

EDIÇÃO UNICA



Fortaleza, 9 de Outubro de 1892

TRAÇOS BIOGRAPHICOS

Nesta modesta homenagem que prestamos á memoria do querido companheiro, purissimo cidadão e insigne artista Oliveira Paiva, fallecido no dia 29 do mez findo, nesta capital—coube-me a tarefa de esboçar-lhe os traços biographicos.

Apesar das injustiças e revezes que o mundo propina aos justos e aos abios, vale a pena ser bom e possuir talento para ter amigos que chorem sua ausencia, companheiros que enalteçam-lhe a memoria querida.

Amigo dos mais intimos, companheiro de todas as luctas intellectuaes, venho chorar sobre o tumulo de Oliveira Paiva e venho dizer quanto era possante seu cerebro de artista invejavel, quanto era grande seu coração.

Oliveira Paiva nasceu a 12 de Julho de 1861, nesta capital, na então rua Amelia, hoje do Senador Pompeu, na casa n.º 162.

Depois de cursar a aula primaria, foi para o Crato, entrando para o seminario que ali existiu.

Em fins de 1876 embarcou para o Rio de Janeiro e em 1877 assentou praça voluntariamente no 15.º batalhão de infantaria.

Em 1878 matriculou-se no curso preparatorio annexo á Escola Militar.

No seio dessa corporação conquistou elle dentro em pouco a estima e a admiração de seus collegas pela sua natureza arrojada e energica e pela superioridade de seu talento.

N'á *Cruzada* jornal que publicavam os moços da Escola Militar, escreveu Oliveira Paiva um romancete intitulado *Tal filha, tal esposa* e um serie de sonetinhos sob a epigraphe *Transparencianças*, descriptivos e humoristicos.

Nessas primeiras expansões de seu talento já transparecia vagamente, mas um modo um tanto bisarro e desalinhado, a sua individualidade litteraria que conservou toda sua profunda originalidade até seu posterior aperfeiçoamento.

Vida agitada e tumultuosa de rapaz que se sente forte pelo corpo e pelo espirito levou elle na Escola, distinguindo-se quer nos torneos da intelligencia, quer nas proezas cavalleirescas da vida academica.

Apesar de muito franzino tinha uma musculatura forte e flexibilizada pelos exercicios gymnasticos:—uma lamina de aço.

Mas o aço tambem se oxyda... e Oliveira Paiva adoeceu do peito em 1881, quando obteve licença para vir tractar-se aqui.

Foi então que eu conheci-o, em Soure, na festa do casamento de um seu primo, envergando a blusa de alumno sobre o corpo direito e fino.

Eu que tinha a esse tempo treze annos e era de uma timidez excessiva, ouvi-o fazer um brinde, entusiasmado e chamava-lhe respeitosa—seu cadete.

Um pouco melhorado, voltou Oliveira Paiva para o Rio algum tempo depois.

Dous annos mais tarde, em 1883, adoeceu, porém, de novo e mais gravemente, sendo obrigado a dar baixa e a vir para aqui justamente quando concluia o curso preparatorio e ia matricular-se no superior.

A esse tempo a campanha abolicionista estava no auge da intensidade, e elle que vinha em busca de saúde, que só lhe podiam dar o ar e o socego do campo, empenhou-se na lucta de corpo e d'alma, pondo a sua palavra e a sua penna ao serviço da propaganda libertadora, com uma tenacidade febril de evangelista, dissipando alegremente a seiva de seu organismo que a tuberculose começava a roer...

*Zabellinha* é o titulo de um poemeto de propaganda que elle publicou antes, e 25 de Março o de um outro que publicou depois de 25 de Março de 1884, quando o Ceará declarou-se livre.

Ambas esta produções nasceram durante a phase de transição de seu espirito e, como tal, têm vacillações, descahidas, incorrecções, mesmo extravagancias e um certa *allure* imprevisita que dão uma idéa muito approximada dos productos da actual escola *decadista* ou *symbolista* de que são chefes, em Paris, Paul Verlaine e Ste, Hans Mallarmé, e em Portugal Antonio Nobre, Alberto de Oliveira, D. João de Castro, etc—escola a que Guerra Junqueiro já adheriu n'Os simples.

Mais seu verdadeiro genese litterario começou foi quando elle entrou a escrever para *Libertador*, que de orgão de propaganda passou a litterario e noticioso, sob a direcção magistral de João Lopes, o emerito jornalista que pela segunda vez, depois da epocha de Rêcha Lima e João Capistrano, fomentava uma revolução litteraria no Ceará, fertil em ricos proventos para a Arte.

Oliveira Paiva, para combater os progressos de sua molestia, resguardava-se, e lia e escrevia muito.

Quando digo que resguardava-se, entenda-se que esse resguardo não era perenne; qual! lá um dia elle mandava a dieta ao diabo, mettia-se numa festa carnavalesca, num baile, num pic-nic e fazia proezas que nenhum rapaz sadio podia igualar.

Depois destes excessos, recolhia-se de novo e lia e escrevia sempre.

Começou a estudar a vida popular e apaixonou-se de tal forma por ella que empregava com muito chiste na conversação expressões populares com a pronuncia caracteristica.

São desse tempo os sonetes *Sons de viola*—pequenos e deliciosos quadros da vida bucolica.

Convencendo-se, porém, de que o verso nunca seria um vehiculo seguro para suas idéas, dedicou-se exclusivamente á prosa, adoptando o pseudonymo de *Gil Bert*.

Foi então que, de collaboração com João Lopes e Antonio Martins, escreveu *A semana*, chronica que o *Libertador* publicava aos sabbados, assignada por *Gil, Pery & C.*

Quasi todas essas chronicas são formosissimas pela *véve*, pela novidade do estylo e pela absoluta imparcialidade com que discutia os assumptos da semana.

Em começo de 1888 e sob os auspicios de João Lopes, Oliveira Paiva, Antonio Martins, Juvenal Galeno, José Carlos, Virgilio Brigido e outros, appareceu *A Quinzena*, a mais bella e mais duradoura revista litteraria que o Ceará já possuiu.

N'á *Quinzena* publicou primorosos contos como sejam—*A corda sensível*, *O velho roô*, *O ar do vento Ave Maria*, *A Paixão*, *De preto e de vermelho*, *A melhor cartada* etc.

Nesses contos, em que elle se revela um espirito eminentemente observador, palpita a vida cearense em toda a sua verdade flagrante, revestida de um estylo preciso, vibrante, admiravelmente colorido,—verdadeira *écriture artiste*, na deliciosa expressão dos Goncourt.

Oliveira Paiva era um finissimo artista da Cór e do Som: sabia ver e ouvir com olhos e ouvidos de artista delicado e nervoso; e a nota ou a irisação que recolhia sabia-lhe da penna nitida e cantante como da extremidade de um pincel ou do tubo de um phonographo.

Esses contos não eram, comtudo, mais do que o aproveitamento das observações que elle julgava inuteis e superfluas para o livro em que trabalhava com afincio, publicado depois no roda-pé do *Libertador* sob o titulo *A afilhada* e que só foi lido pela pouca gente que nesta terra dá-se ao luxo de ler outros auctores que não sejam Ponson, Montepin, Ohnet, Gaboriau etc.

*A afilhada* é, entretanto, um livro que conquistar-lhe-ia renome se houvesse apparecido num meio mais adiantado ou se lá houvesse chegado em volumes.

Nota-se no livro um excesso de descripção que absorve quasi inteiramente a narração e o dialogo; e convencido deste defeito pretendia Oliveira Paiva corrigil-o, tanto assim que não annuiu ao pedido que lhe fez João Lopes de mandar edital-o em volume tal qual

havia sido publicado no *Libertador*. Seu estado de saúde piorava lentamente, mas piorava sempre, sempre, a despeito das suas precauções e das repetidas villegiaturas que fazia por Soure, Quixeramobim e outros lugares do interior.

Com a proclamação da Republica e aclamação do coronel Ferraz para Governador do Estado, foi Oliveira Paiva escolhido para secretario desse velho e honrado militar, logar que desempenhou junto aos governadores que se seguiram, até a eleição do general Clarindo, que na reforma das secretarias nomeou-o 1.º official.

Já era então precavissimo seu estado de saúde.

Apesar disto, porém, casou-se a 20 de de Janeiro do anno passado com sua sobrinha, D. Thereza Botelho, e deste consorcio teve uma encantadora filha, — uma aurora que surgia de frente daquelle crepusculo, um botão que irrompia ao pé daquelle flor que se despetalava...

E depois de uma agonia lenta e martyrisante, que outra cousa não foram os ultimos mezes de sua vida, veiu elle a succumbir á molestia que o supplicia— havia 11 annos, cahindo finalmente inerte nos braços da heroica companheira que tinha tido a sublime abnegação de suavisar-lhe os atrozes soffrimentos com o balsamo ineffavel de seus carinhos e enfeitava-lhe o leito de morte com uma flor sorridente, viva e celestial— a Jacinthinha — a adoravel filha que Deus mandou-lhe para que elle voltasse, como voltou, os olhos para o céu nos seus derradeiros dias...

ANTONIO SALLES.

4-10-92.

MANOEL PAIVA

Acaba de perder a terra cearense Manoel de Oliveira Paiva, um dos mais distinctos de seus filhos pela nobresa de carácter, intelligencia lucida e brilhante, coração opulento e generoso.

Ninguém mais do que elle era fidalgo nas relações de amizade, mais habil em estudos das lettras patrias, mais puro, mais sincero no modo de pensar como homem publico e amigo do povo.

Mas, coitado! desde os primeiros annos trasiá estampado na fronte o selo da morte!

Os seus calculos de futuro, as suas aspirações de moço, ambições de gloria, tudo, tudo presentia-o elle que não passava de seductoras miragens, pois que o nada, o desconhecido lhe ficava pouco alem.

No meio das suas mais justas alegrias, nos momentos de olvido do seu inevitavel aniquillamento, nas expansões intimas entre amigos, muitas vezes a tristeza annuviava-lhe a fronte pallida e sulcada ao toque do soffrimento, como que retrahia-se, lançava um olhar em torno para ver si não teria sido surpreendido pelo medo, e logo o sorriso franco dava nova expressão ao semblante calmo e severo.

Como elle sentia não poder realizar a sua ambição de litterato!

Que luta não se travava naquella alma grande entre o desejo de viver e a certeza da morte, entre a convicção de que tinha talento para produzir muito em bem da patria e a violencia da molestia que o arrastava para o tumulo, entre o desgosto de ter conhecido os deleites da vida e só lhe ter cabido dores, soffrimento e decepções!

Eu que fui seu amigo dedicado, o conheci bem, apertei-o muitas vezes contra o coração, ouvi na intimidade suas queixas contra a sorte, e notei a ancia que tinha de elevar-se pelo saber, mas que o impedia o enfraquecimento de seu organismo.

Foi um tormento a vida d'elle. Descançou afinal, e seu nome querido ficou eternamente gravado nos corações daquelles que tiveram a felicidade de o conhecer.

De lá da eternidade, onde seu espirito já deve ter sido saciado dos gosos que tanto ancivaa, receba o bom amigo as nossas saudades.

ANTONIO BEZERRA.

A MEMORIA DE M. DE OLIVEIRA PAIVA

Ao escrever aqui estas palavras á querida inclviável memoria de Oliveira Paiva sinto-me abalado e cabrunhado, apprehensivo mesmo, e a tristeza invade-me a alma, por ver que a morte, em sua rude cruenteza, parece timbrar em escolher o que mais se esforçam pelo progresso e pela evolução da humanidade.

Quando elle presentieiro e alegre ia transpondo com alma illuminada pelos charcos lucilantes da victoria, os nimbros do deslumb ante templo da gloria, cahiu, desapareceu nas densas sombras do tumulo, deixando envolta em facto uma lamina queo idolatrava e todos nos que viamos nelle um emerito cultor das lettras.

A morte veio surprehendel-o quando em sua imaginação prodigiosa e fecunda creava novas obras que deviam enaltecer-lhe o nome.

Nosso publico vive indifferente e alheio ao movimento artistico e litterario que se ope a entre nos, e por isso o nome querido de Oliveira Paiva é desconhecido para muita gente. Elle surgiu neste «meio» atrasado e rotineiro que não tem uma palavra de applauso para á quelles que se absor em no trabalho afanoso das lettras, donde não advenem nenh m interesse material.

Era uma vontade forte e energica e sube impor-se, conseguindo a custa de uma lucta renhida e tenaz com esse publico infenso ás glorias das lettras, collocar-se ac ma de todos os que supunham-no incapaz de subir tão alto. sua passagem pelo mundo do pensamento ficou assignalada pelo romance—A «Afilhada», romance escripto com muito vigor de estylo e que é uma prova inconcussa de que elle tinha talento.

No que fica dito tradu.o o modo de pensar sobre M. de Oliveira Paiva, um moço de talento e um caracter pu o

UIVSSÉS BEZERRA.

OLIVEIRA PAIVA

Era um artista de envergadura nova, de sangue, vermelho pertencente ao e emancipado do mais leve symptoma da velha e detestavel escola que nos legou a melancolia, as olheiras e a tísica pulmonar.

Iconoclasta e pintor, d'esses da ultima leva que têm feito dos bicos da penna, quando querem, a ponta de um escalpello com que dissecam rudemente os vicios e as lesões da alma, ou então a ponta de um pincel por onde escorre a vida, n'um mimo de aquarella, tal qual ella canta nos sons, se colore na luz e palpita nas cousas; Oliveira Paiva era um naturalista perfeito, de uma adiantada educação litteraria.

Espiritualmente conheço Oliveira Paiva n'á *Quinzena*, folha de que elle foi um dos mais assíduos collaboradores.

N'esse jornal, a revista do mais largo folego litterario que aqui se publicou, os contos de Oliveira Paiva sao, quanto a mim, a mais feliz interpretação que ja se fez, no Norte, da arte moderna em tudo o que ella tem de observação e de analyse da vida.

Tem contos alli que fazem inveja á gente por se não poder fazel-os iguaes. E' a vida d'aqui apanhada com todo um rigor de photographia.

Observador paciente, elle transmitia-nos, com a maior naturalidade, sem o mais pequeno esforço, mettido na mais fina prosa que se pode escrever, tudo quanto seus olhos tinham visto— a linha da paisagem, a palpitación da vida, o perto e o longe das cousas, imprgnadas de sua nota pessoal, de seu modo de aizer, de seu estylo opulento e feliz.

TIBURCIO DE FREITAS.

Oliveira Paiva

Quizl-o como amigo, admirei-o como talento, venerai-o como caracter. Ninguem symbolisava melhor esta mocidade intelligente e forte que e o orgulho de nosso tempo e da nossa patria.

J. DE SERPA.

M. D'OLIVEIRA PAIVA

Escriptor do cyclo moderno que tem Emilio Zola, Afonso da Silva, Rocher, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz e outros, bem pode a ser-lhe erigida uma estatua: si fosse nascido elle era um mundo mais espiritualmente sadio e onde houvesse melhor concepção da Sciencia, das Lettras e das Artes.

CARLOS VICTOR.

Ceará 4-10-92.

Oliveira Paiva

Facta inopraque clarorum virorum tradere, nisi tum antiquitos.—Tacito.

Ha homens que desde os primeiros periodos se manifestam com uma aspiração incessante pela gloria, desenvolvendo todos os seus recursos, não poupando a saude, sacrificando-se assim não em proveito proprio, mas pelo bem commum da patria; depois de consumir toda a sua actividade vem por fim a desaparecer. A historia, em recompensa d'estes actos de sublime abnegação, aponta-os como um incentivo a nós outros que recuamos atterrados ante as difficuldades com que a cada passo esbarramos, sem coragem de tentar de persistir na lucta pelo trabalho, afim de mais tarde termos jus ao mesmo grao de reconhecimento dos posterios.

Oliveira Paiva é exemplo edificante do que acabo de dizer.

De uma constituição physica muito fraca, não ponde lutar contra a morte que avassalou-o e veio por fim a succumbir.

Deixou numerosas producções, algumas de grande valor litterario.

Apezar de alguns defeitos que se notam em suas obras, sua gloria como litterato, jamais poderá ser offuscada pela poeira da critica.

Esta homenagem já é uma pequena parte da recompensa que a historia litteraria do Ceará ha de tributar a memoria do illustre morto que se ante occupou um dos primeiros lugares entre os homens de lettras de seu tempo.

E' ainda, sob a commoção do pranto sentido de sua inconsolavel viuva que traço estas linhas. Ellas nao traduzem por mais que me esforço o que sinto por esta perda irreparavel. Morte cruel, nos roubaste tão cedo aquelle que era nosso guia na senda escabrosa das lettras, mas não conseguirás jamais o esquecimento das nobres qualidades d'este moço, que podendo ambicionar todas as commodidades da vida, só aspirou um nome honrado e dedicar-se sincera e ardentemente em bem de sua terra!

Descansa! Bem soubeste cumprir a tua missão.

TH. MOURA.

OLIVEIRA PAIVA

Em vida tinha a fatidica morte a perseguil-o; morto, ficou o seu grande espirito para immortalizal-o.

HENRIQUE JORGE

A OLIVEIRA PAIVA

Triste me curvo ao pé de teu jazigo com a devoção de quem venera um santo para veiter o meu sentido pranto sobre teus restos, desditoso amigo.—

Quero orvalhar com lagrimas o canto onde o destino—tragico inimigo—quiz que o teu corpo fosse achar abrigo longe d'aquelles que te amavam tanto!

Quero dizer-te—paladino d'Arte—que o sacrosanto e mystico estandarte das lettras patrias hoje está de luto....

E eu que trabalho neste sacro templo onde tu, mestre nos legiste o exemplo venho pagar-te o meu fiel tributo.

Ceará, 4 de Outubro de 1892.

SABINO BAPTISTA.

OLIVEIRA PAIVA

Repousa, enfim no tumulo. Repousa Longe das maguas perfidas da vida; Tens sob a tria e solitaria lousa Eternamente a calma apetedida.

Foste feliz morrendo; só se encerra No mundo o engano, a magua mais ferrea. Mas não te perdeste o que ha de bom na terra: — O riso de uma filha pequenina....

Ceará, 5-10-92.

ANTONIO DE CASTRO.

Oliveira Paiva

A morte de Oliveira Paiva foi uma perda dolorosa para o nosso pequeno meio litterario.

Acostumados a lel-o, nos bons tempos em que elle podia ainda erguer a penna nas pugnas da imprensa—nós outros, que admiravamos a sua originalidade suprema e abronzea tenacidade de uma natureza fragil posta á dispo de um grande talento—nós outros, digo eu, prestando hoje esta pequena homenagem á sua memoria—curvamo-nos ao mesmo tempo respeitosos perante o feretro que encerra os despojos daquelle que na escuridão funesta da vida—ganhou tao bem o seu dia—legando á posteridade toda a grandeza do seu espirito e toda a pureza do seu talento.

ALVARO MARTINS.

M de Oliveira Paiva

Nunca coração d'escriptor brasileiro, e sobretudo cearense, pulsou mais rijo e cheio d'enthusiasmo pelas cousas nateas, que o de Oliveira Paiva, o emerito publicista e litterato da moderna geração para quem fatalmente, dolorosamente, acabam de abrir-se as hyantes fauces d'um tumulo.

Individualidade genialmente superior, de longo tempo alquebrado pelo soffrimento physico, nunca surpreheu-se-lhe um queixume: é que aquelle corpo debil era o involucro d'uma alma superior d'um espirito caracteristicamente forte; minado, quasi morto fibrosa fibra, sua alma vencendo a materia, partiu para longe, fez a grande romaria ao paiz donde se não volta mais....

E em quanto a natureza, a sabia mãe, no periodo da eterna decomposição, toma e retoma todas as moleculas de seo corpo, nós, os seus amigos fazendo de sua vida honesta um modelo a seguir, cheios de saudade, repetimos este nome que é uma gloria nacional, uma verdadeira gloria cearense: Oliveira Paiva!

LOPES FILHO.

OLIVEIRA PAIVA

A ultima vez que o vi, tristonhamente Ficou-me n'alma esta cruel lembrança: Ia se a vida, nos poucos, lentamente; Sentia-se da Morte a vizinhança...

Junto delle, no entanto, alegremente, Sua filha, uma candida creança, —Contraste extranho—ria inconsciente —Um riso ao greo como a esperança.—

Foi vencido afinal! A Morte escura Não teve pena, arlino, da desventura Da saudade sem fim, do triste horror

Da mãe, da pobre esposa estremecida, Nem da doce filha tão querida Que ri ainda em meio dessa dor!

ANNA NOGUEIRA.

1.º de Outubro de 1892.

DE JOELHOS

Terminou a lucta! Cahio, como cahem os bravos, pelejando até o ultimo alento...

Bem moço ainda, minava-lhe a existencia enfermidade cruel que difficul-tava os emprehendimentos de seu espirito valente de sua intelligencia productora. O poder de sua vontade rija inquebrantavel vencia sempre. Nunca teve lazeres. Não foi um inutil.

Romeiro de toda causa nobre e justa, vimol-o sempre na fileira dos mais fortes, fazendo sacrificio da propria vida em prol do engrandecimento da Patria.

O advento da Republica, a cujo serviço dedicou-se com abnegação stoica não concorreu pouco para apressar o termo de sua vida.

No arduo e difficil cargo de Secretario do Governo, n'um periodo de reorganisação politico-social, entregou-se sem desfallecimentos a um trabalho continuado e affanoso, superior a suas forças enfraquecidas pela doença que acaba de ceifal-o.

Foi um bello exemplo do que pode a vontade guiada pelo patriotismo

De joelhos, sentindo o peito em estos de dolorosa saudade venho render as homenagens de minha veneração a sua memoria, immorredoura no espirito dos que acompanharam de perto o cyclo proveitoso de sua trajetoria pela vida.

P. N.

ON NE DOIT AUX MORTS QUE LA VERBÉTÉ

(Michaud.)

O homem precisa da morte para depurar-se, como o ouro precisa do fogo.

O crysol é o ouro mais ou menos longo, que a purifica.

Então, desmontada a cerração da intelligencia, a luz da razão surge caudal, e as dores do coração d'gelam em philtros de amor. E' que a graça apodou-se do infeliz, roejaram-no as aguas do arrependimento, e constigiu das almas condemnadas dissipou-se n'aquelle fronte de precita, onde irradiam agora os raios celestes.

Que o exemplo de Paiva, morrendo como um santo, edifique futuros escriptores.

G. SOUTO.

SAUDADE

Era artista e como elle nenhum possuiu mais perseverança e amor ao trabalho; e nisto constitue-se sua gloria.

Aqui deponho o meu pequeno tributo de saudade.

LUIS SA.

O' PAIVINHA

La mort est une passage Ou pour grandir tout charge: Qui fut sur terre—athlete, Est dans l'ebime—archange!

VICTOR HUGO.

Luctou com o esforço de um abnegado, mas cahiu fulminado por terrivel molestia antes que houvesse vencido o indifferentismo do meio.

Conheci-o em 84, na Libertadora Estudantil, e desde então, comeci a amal-o, ficando seu amigo.

Não tive coragem de vel-o moribundo, mas docu-me sua morte como a de um irmão querido.

Podia ter desaparecido para mundo, mas em minha lembrança eu o conversarei sempre recordando o tempo em que, com as mesmas aspirações, trabalhámos sob a mesma tenda e alentavamos a mesma fé no futuro.

Athleta na vida, archanjo na morte! Adeus, Paiva!

W. CAVALCANTI.

O dever de amigo

Venho cumprir um dever! Tambem eu quero despedalar uma saudade branca sobre a campã negra, que guarda para sempre em seu seio todas as esperanças azues que sonhára o bom companheiro Oliveira Paiva.

E' um dever de amigo, é um dever sagrado.

Quando o vento frio da morte regela a fronte febril onde a vida palpitava em plena juventude, fazendo rolar para o fundo de um abysmo o corpo inerte de um amigo, só nos resta ajoelhar-nos a borda deste e pedir ás aves—uma nenina sentida, aos ceus—suas lagrimas mais doridas; enquanto enviamos a Deus uma prece de Amor e Saudade.

E' o que faço agora.

MOURA CAVALCANTE.

Em 5-10-92.

d'Oliveira Paiva

.... Fui vel-o na ante-vespera de sua morte, e, por Deus! não pude conter um grande desgosto, deplorando intimamente a sorte d'aquelle pobre moço que se finava alli assim n'uma meia-agua do Oiteiro, como qualquer paria obscuro, n'um abandono pungente, torturado por essa dor que gela o coração ao mais forte e que nasce do desprezo injusto e revoltante dos homens.

Quem havia de suppor? O Paiva, que eu muitas vezes vi passar, triumphante como um heróe legendario, entre as las de «amigos» que o cortejavam abertamente; o Manoel Paiva das hermeses, com os seus epigrammas finissimos a fazer rir toda uma geração hypochondriaca e atrophiada pela indolencia aquelle bello typo de cearense honesto e laborioso, britanoo au jour le jour, como um mineiro da Arte, o marmore fulgurante do seu grande talento; o Oliveira Paiva d'A Athleta, o analysta vigoroso da vida cearense, alli estava longe das alegrias ruidosas d'este meio, outrora campo azul de suas conquistas idéaes, onde elle se amestrara nos jogos flores da pilheria e do folhetim: alli estava, triste contradicção! moribundo, sem amigos, consolando-se com a extrema-uneção de um olhar que nunca o abandonara....

Os «amigos», esses já não o reconheciam, porque elle alli estava n'uma meia agua do Oiteiro, com uns longes de vida a extinguir-se, transfigurado pela pobreza e pelo soffrimento, entregue ao seu Deus e a sua esposa.

Teve uma grande felicidade: morreu tranquillamente, cheio de fé: fosse, como um passaro que abre as azas n'um vôo sereno para o deserto azul do infinito...

AD. CAMINHA.

OLIVEIRA PAIVA

Será possível que após uma vida cheia de luz e de esperança sejam os cyprestes esguios e os ventos monotonos de meia-noite os companheiros exclusivos de Manoel de Oliveira Paiva?

Poder-se-á admitir que o supremo Obreiro tenha sido tão pouco providente a ponto de não crear uma outra vida, em que o bem e o mal sejam equitativamente premiados?

Creemos em uma vida de alem-tumulo, em que os decretos inflexíveis recompensem ou punam o mal que o ente humano tenha praticado nesta phase de dores e angustias.

Sendo a justiça humana fallivel em suas decisões, a ponto de muitas vezes o vicio ser enthronado, torna-se necessario, como complemento, a existencia de uma equidade despida das roupagens da fragilidade e que não submetta-se ás paixões.

Alimentamos a esperança de que a solidão negra dos tumulos involverá em suas dobras a materia, mas o espirito terá o lugar differente de accordo com as acções praticadas.

O corpo de Oliveira Paiva jaz abandonado, mas a parte immaterial do ser estará nosparamos azues, porque é bem certo que depois da noute cheias de negrumes surge sempre a rosea madrugada.

Reposo ao corpo e que o espirito occupe o lugar que conquistou pelas boas acções!

6 de Outubro de 1892.

PEDRO GOMES DA ROCHA.

OLIVEIRA PAIVA

Tudo passa sobre a terra.

L. DE ALENCAR.

Ha homens, que mesmo em vida não passam de seres mortos; outros, porem, que sendo arrebatados por este ser invisivel, que communmente chamamos morte, não desaparecem das paginas da historia e nem tão pouco do coração da mocidade. Aquelles são os que entregam-se ás paixões e vivem como bruto, e estes são aquellos que detestando o jugo deprimente da ignorancia envidam titanicos esforços para no altar da sciencia depor uma coroa conquistada a força de vigílias e sacrificios.

Oliveira Paiva, desde a infancia, procurou não esta vida, que amesquinha e corrompe o homem, mas a que o eleva e dignifica.

Foi assim que pôde immortalizar seu nome.

Não morreu, porque morrer é desaparecer completamente da face da terra; apenas conhecendo a sua não existencia, neste mundo, sua alma revou ao seio da natureza e confundiu-se com ella.

A Redacção do *Athleta* sente profundamente o vacuo immenso deixado no seio da litteratura cearense e fez votos aos ceus para que sua alma transpondo os resplandecentes humbraes da Eternidade vá gozar das delicias celestes.

A REDACÇÃO DO ATHLETA.

OLIVEIRA PAIVA

Em nome d'*O Operario* tambem venho render homenagem ao illustre moço que acaba de desaparecer do numero dos vivos.

Um episodio que caracteriza a amizade que Manoel de Oliveira Paiva ligava á classe operaria é, julgo eu, o bastante para provar que o modesto e desprezencioso homem de letras nunca desprezou os filhos do povo que procuram no trabalho o necessario para o sustentaculo de suas familias.

Oliveira Paiva estava no Quixadá, vindo de Quixeramobim, e eu, a pedido de um irmão seu fui encarregado de entregar-lhe uma carta, porem, tendo o trem do horario soffrido desarranjos na sua locomotiva, e chegando ao Quixadá ás 5 1/2 horas da tarde, man-

dei-lhe a carta, pedindo desculpa de não ir pessoalmente.

A's 7 1/2 horas da noite o portador voltou e disse-me:

—O Sr. Paiva mandou dizer-lhe que chegasse até lá.

A' vista do recado, eu, embora aborrecido pela longa jornada, apressei-me a satisfazer o pedido, porque era o de uma pessoa a quem eu consagrava amizade.

Quadro magnifico, quadro que só o pincel de Miguel Angelo ou de Raphael podia com fidelidade reproduzir, apresentou-se diante dos meus olhos ao entrar na casa onde jazia apenas o espirito da materia em decomposição de quem no Ceará produzia na imprensa preciosidades para as letras!

Oliveira Paiva, estendido em uma cama de vento, tinha a um dos lados sua veneranda mãe, do outro sua estremosa esposa e sua filhinha, interessante creancinha com quem elle brincava quando os accessos da tosse pertinaz lhe davam logar.

Na cabeceira, pendente da parede, estava a divina imagem de Christo crucificado, e Oliveira Paiva voltando os olhos para ella disse-me com a convicção sincera do crente:

—Aquelle é meu pae.

As lagrimas, lagrimas de angustia porque sabia ter diante de mim um cadaver, cadaver que só a Providencia Divina podia resuscitar, rolaram-me pelas faces e procurei distracção nas conversas banaes.

Oliveira Paiva disse-me, depois de lhe ter perguntado para que me havia chamado:

—Porque não me remette—*O Operario*? V. sabe que eu gosto de seu jornal, porque não me mandá? Li o seu artigo do numero ultimo a respeito da Confederação Operaria. Continue e conte com a minha coadjuvação....

Eu, contemplando aquella grande alma, desejei naquelle momento ter um poder superior, poder que fosse capaz de dar vida áquelles defunto!

O dia 29 de Setembro veio com o que eu profetisava:—Oliveira Paiva foi arrebatado do seio da familia cearense pela morte, deixando um vacuo difficil de ser preenchido!

J. DA ROCHA.

OLIVEIRA PAIVA

Admiradores fervorosos do talento e das virtudes civicas de Manoel de Oliveira Paiva, vimos tambem concorrer com a nossa modesta homenagem para a apothose justissima que lhe fazem. Acostumados a ligar a individualidade litteraria á individualidade civica, duplamente nos confessamos respeitosos á memoria do illustre morto. Deante do tumulo em que descança descobrimos-nos com o respeito que nos impõem os homens de bem e de talento.

A REDACÇÃO DO SILVA JARDIM.

Oliveira Paiva

Com aquella mesma serenidade de espirito com que vivera, cerrou para sempre os olhos á humanidade.

Si na vida nutriu-se da consciencia de seus actos, na morte fortaleceu-se da firme convicção de que só deixava em torno de seu nome palavras para bendizerem-no, amigos para chorarem-no.

Pobre e honrado, nunca desejou elogios para o que fez; talentoso e modesto, nunca desejou reclames para o que produziu.

Como homem, tinha suprema aspiração de estar sempre bem com sua consciencia, como artista cinzelar fielmente o que imaginava e o que sentia.

D'ahi, todo o valor da immensa estima que conquistou; d'ahi, todo o valor do grande conceito que firmou.

D'ahi, a grande amizade que lhe tinha; d'ahi, toda a expansão de cora-

ção com que firmo nestas linhas a dor immensa e a saudade infinda que me deixou a morte de amigo tão querido.

JOVINO GUEDES

OLIVEIRA PAIVA

Este, que soube entrar para a vida tomando no templo da Arte o baptismo do Jordão do Bem, é sagrado n'este momento na historia de nossos corações como um baptisado no Jordão da Gloria. Não da gloria que brilha e é mais tarde offuscada por outra, mas da gloria do martyr do trabalho e do soldado do Dever. E os que, filhos d'este, vão dizer-lhe agora a boa noite de amigo, são seus irmãos espirituaes, para cujos corações esse baque que seu corpo deu e essa viagem que seu espirito fez ao mundo do Desconhecido não podiam deixar de produzir um pezar profundo e uma saudade immensa de quem entrou no mundo pela porta larga do talento e transpoz o limiar da eternidade pelo martyrio, que cria um preito de veneração em cada coração amigo.

E' por isto que os combatentes que ainda restam de pé, depondo em continencia ao tumulo suas armas pacificas, assignalam o vacuo produzido pela decomposição d'aquelle corpo enfermo e ascensão daquelle espirito forte, inscrevendo n'estas paginas o nome querido de Oliveira Paiva, que, partindo d'este centro, aqui deixou « Saudade immensa, immensa solidão.»

6-X-92.

EDUARDO SAROYA

Oliveira Paiva e a Morte

Muito bem! Muito bem! Elle na tez bondosa mostrava a pallidez dos tísicos descrentes, mas tinha a alma robusta, activa e luminosa cheia de vibrações athleticas, potentes!

Elle hysterica e má, franzina e poderosa abate, calca aos pés e enxada leva as gentes; elle sabe lutar, mas ella é caprichosa. Oh, bravos! muito bem!—dois tísicos valentes!

Elle olhou com desdém o moço de lado. O golpe desarmou certo e desalmado o tísico reitou... na vastidão infinda.

Porem ao resvalar bradou á divindade: —Louca! tu és o bem! Tu és a like! Jada! Eu sou o Hebreu da fé! Hei de viver ainda!

ALÍPIO BANDEIRA.

6-10-92.

UMA LAGRIMA

Venho tambem como um romciro poento verter uma lagrima e depór uma saudade sobre o tumulo de Oliveira Paiva, o dedicado amigo a quem todos nos procuramos imitar e que tão bom exemplo nos legou, quer como homem publico, quer como homem particular.

Conheci-o em 1884, quando elle trabalhava empenhadamente com J. Cordeiro, Antonio Bezerra, J. Lopes, Antonio Martins e outros em prol da liberdade do escravo, empenhando-se com abnegação na grande lucta que abollo a escravidão do solo cearense.

*O Libertador* era a tenda de trabalho de Oliveira Paiva e de seus denodados companheiros que fazião do valente jornal cearense um clarim atroador para todas as batalhas, um defensor dos direitos do povo e um iniciador de todas as causas justas de que se cogitavam nesta terra. Eu, um simples empregado na redacção d'aquelle jornal, gostava de Oliveira Paiva, era amigo e admirador d'aquelle bello rapaz tão amigo de seus companheiros e tão leal aos seus collegas.

Portanto eu que sempre o admirei, que sempre o venerei tenho hoje o dever de vir tambem verter uma lagrima e depor uma saudade sobre seu tumulo.

Descança em paz, bom e leal amigo!

JOSÉ DOS SANTOS.

PAIVINHA

O homem é com certeza a peor das obras creadas. Ter um cerebro optimamente organizado e um coração unico em pureza como Manoel de Oliveira Paiva e um organismo animal tão fragil que o fez succumbir bem cedo, é simplesmente estúpido! Lamentemos a ausencia do bom amigo, lembrando-nos sempre que o Paivinha era Gil Bert, o mesmo que escreveu artigos deliciosos, semelhante banhos de ideas boas, sãs, correctas e adoraveis.

LOBATO DE CASTRO.

A MORTALIDADE

Da tinta dos grandes epitaphios fazem-se os esplendores da Historia, que estava a reclamar mais um.

Dahi a explicação da morte precoce de Oliveira Paiva, cuja memoria refulge nas lagrimas dos que o pranteiam como os raios do sol nas catadupas do céo

ALBERTO MAGNO.

M. d'Oliveira Paiva

Após longos soffrimentos e enfrentando a morte com valentia stoica, hoje acabou de morrer Manoel de Oliveira Paiva.

Acabou, por que, ha mezes, morria parcialmente, perdia cada dia umá força, uma faculdade, via-o abandonar agora um órgão, outro am anhã, cessando aos poucos e por partes as funcções, que no seu conjuncto se chamão—a vida.

Só o espirito sobrevivia, como que vellando na conservação de um caracter, que devia chegar intêiro até o momento derradeiro, deixando na sua integridade a boa reputação de seus dias de vitalidade.

E' com saudades que a Redacção da *Republica* comemora o companheiro de luctas da imprensa, campeão das boas idéas, que se agitaram nestes ultimos dez annos de aspirações e de conquistas da liberdade.

Effectivamente, era uma alma limpa. A sua intelligencia, bem cultivada com a melhor semente, produziu muito realce para o seu nome e contribuiu para a formação desse peculio de idéas, que os lidadores de hoje reservão para os que lhes vão succeder.

Quando da victoria muitos recolhião os fructos para fazerem lautas as suas mesas, elle não erguia a mão sequer para colher algumas flores com que tecer a sua corôa. Retrahido e modesto, dava-se como pago com a fortuna e nobilitação dos seus companheiros, só achando prazer para seu espirito na modestia que guardava.

Merece-os porem, vale muito mais do que ter sido. As posições, que não lhe couberam, não o excederão e occupadas por outros mais fazião-no lembrar e requerem pelas testemunhas presencias das luctas e resultados.

Foi secretario do governo provisorio do Ceará, ao inaugurar-se a republica, e simplesmente, por que o seus serviços erão reclamados; nada pediu, e quando a morte veio chamal-o quasi desse posto para o leito do martyrio, que devia acrysolar a sua virtude, o deparou pobre e desprezencioso, sem aspirar. sinão guardar immaculado o seu nome.

Foi publicista ameno, e orador que deixou traços luminosos na nossa imprensa e tribuna, com uma suavidade e doçura de expressão que traduzião a indole que nunca se desmentira.

Bom moço. O seu exemplo bem pode edificar amocidade contemporanea, a quem tanto honrou, e para os homens publicos seria o melhor espelho.

Casado, tinha uma filhinha, que recommendamos, bem como a digna esposa, á generosidade e á gratidão do povo cearense.

A' beira do tumulo, a que vae descer, nossas palavras de saudade e de amor limitão-se a uma evocação do seu nome: Paiva, Paiva! bom, honesto e talentoso moço, recolhe-te ao seio da eternidade, emquanto os coeys desfolhão perpetuas sobre a tua lapide.

D'A *Republica* de 29 de Setembro.

Typ. d'O Operario.